

HISTÓRIAS DE MULHERES CASADAS CRISTINA CAMPOS

TRADUÇÃO

Rita Custódio e Àlex Tarradellas

 Planeta

Estou nua. Deitada sobre o peito do meu amante. Deitada sobre o peito do homem que amo. Entrelaço as minhas pernas nas suas, enquanto ele, com as suas mãos acolhedoras e fortes, me acaricia o cabelo.

Hoje foi ele quem, lentamente, fez amor comigo. Às vezes sou eu. Quase sempre somos os dois.

O silêncio entre nós é denso. Denso e profundo. Sabemos os dois que esta história está a acabar. Este amor proibido que temos sentido durante todo o ano um pelo outro está a chegar ao fim. Foi um ano intenso. Cheio de vida. Cheio de sexo. De amor. De ternura. De carícias. Sobretudo, um ano cheio de inconsciência. Trezentos e sessenta e cinco dias é muito tempo. São demasiados dias a amar-nos às escondidas.

Podíamos continuar como estamos. Eu a enganar o meu marido e o Pablo a enganar a sua mulher. É isso que o Pablo quer. Ele consegue amar duas mulheres ao mesmo tempo, mas eu não. Não sei amar dois homens ao mesmo tempo. Talvez não tenha sabido separar o sexo do amor, o sexo do sentimento.

– O que é que te faz sofrer tanto, Gabriela? Não poder viver comigo?

– O Pablo espera uns segundos antes de continuar: – Tens a certeza de que queres destruir a tua família por mim? E que eu destrua a minha?

Ouç-o em silêncio, porque realmente não sei o que quero.

– Tu amas o teu marido. Eu estou bem com a minha mulher.

Sei que não me diz «eu amo a minha mulher» para não me ferir. Sei. Sempre que o ouço falar da mulher, há um pedacinho da minha alma que se parte. Acho que o Pablo não se apercebe da carga dramática que cada frase que pronuncia tem na minha vida.

– Queres deixar de ver o teu filho quinze dias por mês? Que esteja quinze dias com o pai e quinze dias comigo? E queres cuidar das minhas filhas? Queres mesmo isso?

Não respondo a essas perguntas. O Pablo sabe o quanto tudo isso me magoa. Acaricia-me o cabelo.

– Para além disso, Gabi, se eu fizer o que me pedes... vou converter-me naquilo que já tens.

Repito a sua frase na minha mente: «Vou converter-me naquilo que já tens».

– Dentro de um ano vais deixar de desejar-me e nada será igual.

Ouç-o, mas não me parece possível que o desejo que sinto por ele, pelo Pablo, pelo meu amante, alguma vez acabe. Porque o desejo tanto... Tanto... Aos quarenta e cinco anos não sei como é que se pode sentir com tanta intensidade. Não entendo a força do meu desejo, porque não me lembro de o ter sentido assim antes. Ou talvez sim. Talvez o tenha sentido com o meu marido, mas há muito tempo. Há demasiado tempo. Não me lembro se estamos casados há dezanove ou há vinte anos, porque a minha vida está unida a um homem que amo como companheiro, como pai do meu filho, como meu amigo, como o meu melhor amigo. Um homem que adoro profundamente, mas que não amo. Que não desejo.

Às vezes, a sós, penso neste sentimento tão profundo que regressou a mim e não encontro outra palavra melhor a não ser *renascer*. Talvez *ressurgir*. Ressuscitar.

Na intimidade, às vezes repito baixinho essas seis letras: D-E-S-E-J-O.

Porque o desejo deu cabo da minha vida serena. Da minha vida doce e plácida ao lado do meu marido. O desejo deu cabo da minha estabilidade emocional. O desejo traiu-me. Pergunto-me com frequência porquê. Porque é que o fiz? E dou a mim mesma uma resposta muito simples: a sede de aventura. Sim. A sede de aventura venceu-me. Vinte anos de casamento. Era tudo uma estabilidade serena.

Começou como uma brincadeira divertida onde entreguei o meu corpo e convenci-me a mim própria de que só lhe entregaria o meu corpo. Não demorei nem um mês a entregar-lhe a minha alma.

– Gabi, queres mesmo destruir o teu casamento por mim? – volta a perguntar-me.

Demoro sempre a responder às suas perguntas diretas.

– Não sei. Não sei o que responder-te. Mas eu não consigo viver assim. Não consigo. Eu não sou assim. Ando a tentar desde o primeiro dia em que entrei nestas águas-furtadas. Às vezes... – e espero uns segundos antes de continuar –, às vezes penso que nunca devia ter entrado.

Sei que as minhas palavras magoam o Pablo. Porque, apesar de eu ser sua amante, e não sua mulher, o Pablo ama-me.

Dirijo o olhar para a soleira da porta, recordando o primeiro dia em que atravessei. Em que atravessei a porta do seu estúdio. Das suas águas-furtadas. Onde ele escreve todos os dias. Umas águas-furtadas a abarrotar de livros desarrumados e de discos de *jazz*. Onde nos escondemos. Onde nos amamos, em segredo. Onde eu sou infiel ao meu marido, e ele é infiel à mulher dele.

Tive oportunidade de deter isso, mas não quis. Sou a única responsável por este tsunami de sentimentos que invadem a minha vida.

– Olha para mim, Pablo – peço-lhe.

Sou uma mulher magra. Todas as mulheres da minha família o foram. O são. E perdi três quilos desde que o conheço. Para muitas mulheres é um valor insignificante; para o meu corpo é demasiado.

– Estás muito bonita – responde-me com sinceridade.

Porque me vê sempre bonita.

Às quintas-feiras, o dia da semana que partilhamos, sinto-me sempre uma mulher amada. Profundamente amada. Ama-me mais do que à sua mulher. Muito mais do que à sua mulher. Gosta da sua mulher. Gosta muito dela. Acho que é sincero quando mo diz. Podia não ser, mas acredito nele porque entendo as suas palavras. Eu sinto o mesmo amor pelo meu marido. Pelo homem com quem ando a caminhar pela vida há vinte anos.

– És linda – repete-me.

Sorrio grata e fito-o. Observo-o: o seu rosto curtido deixa ver a passagem do tempo. É uma pessoa interessante e carismática, apesar da sua personalidade introvertida. O Pablo é tímido, tão tímido como o meu marido. Gosto dos homens tímidos. O meu pai também o era. Às vezes tento distanciar-me destes sentimentos que perturbam a minha vida, e na minha mente observo-os aos dois: o meu marido e o meu amante. São parecidos; o meu marido e o meu amante são parecidos. Mais no psíquico do que no físico. Às vezes parecem-me iguais. Mas desejo um e o outro não.

Deslizo a mão para o rosto do Pablo. Acaricio-lhe a barba, que está cada vez mais grisalha, que não gosta de barbear e com a qual brinco sempre que fazemos amor. Tem cinquenta e cinco anos e às vezes, apesar de eu ser dez anos mais nova do que ele, penso, insegura, que podia estar com uma miúda de trinta anos. Uma mulher mais nova do que eu, com a pele lisa e o peito firme. Uma mulher mais livre.

Sou uma mulher madura que aceitou a passagem do tempo no corpo. Às vezes, é verdade, com pena, vendo os meus pequenos seios caírem. Vendo as minhas pequenas rugas nos olhos.

Acho que o Pablo podia estar com uma mulher mais nova, porque o Pablo, para além de ser um homem charmoso, é um escritor conhecido. Muito conhecido. E aí entra a parte erótica do poder. Viaja pelo mundo com os seus romances e os meios de comunicação do país digladiam-se por uma entrevista sua. As suas apresentações já não se fazem em livrarias: há uns anos a sua editora decidiu organizá-las no Círculo de Bellas Artes e no Centre de Cultura Contemporània de Barcelona. Quando dá autógrafos na Feira do Livro de Madrid, colocam-se barreiras para que os seus leitores não invadam o passeio do Retiro. E sim, é verdade que algumas miúdas de vinte e muitas de trinta dão em cima dele, sobretudo nos dias posteriores ao lançamento dos seus romances. Claro que existe a parte erótica do poder. E a parte erótica da fama. Ele sabe disso. É uma pessoa inteligente. Muito inteligente. Mas o Pablo está mais interessado nas mentes do que nos corpos, e sei que ama a minha mente. Complementa-o. Estimula-o. É generoso

com as suas palavras para comigo e quando leio os seus manuscritos e lhe altero palavras, adjetivos, advérbios e vírgulas. Risco-lhe cenas inteiras ou altero-lhe personagens. Reescreve depois de me beijar nos lábios e de me agradecer sempre. O Pablo proporciona-me sempre a segurança que eu – mesmo abraçada e nua, deitada sobre o seu peito – não sinto.

«Quero estar contigo a vida toda, Gabi. Tudo o que nos resta da vida.»

Disse-me estas palavras baixinho, há uns meses, enquanto se afundava em mim. Respondi-lhe que eu queria mais, que queria dormir ao seu lado todas as noites.

Ele já não respondeu às minhas palavras.

Passo o olhar pelas águas-furtadas.

– Pablo, na minha casa acho que estão a desconfiar de que se passa qualquer coisa – digo-lhe. – Não sei durante quanto tempo vou conseguir aguentar... – detenho as minhas palavras, porque me custa verbalizar esse substantivo feminino cuja sonoridade rejeito, e continuo – esta mentira.

Perscruto o seu olhar. Espero uma resposta que sei que não vai chegar, porque já falámos sobre isso. Ele sempre foi sincero comigo. Sempre. E, enquanto espero a resposta que não chega, os meus olhos humedecem-se.

Sei que as minhas lágrimas o desarmam. Desarmam-no sempre.

Porque o Pablo gosta de mim. Ama-me. E detesta ver-me sofrer.

– Gabi, para – diz-me, subtilmente autoritário. Brusco, beija a pele dos meus lábios. – Para, Gabi, para. Por favor.

Abraça-me porque não suporta ver-me chorar. Não suporta.

– Pensei nisso muitas vezes... – digo-lhe com uma voz suave. – Não sei se nós, as mulheres, fomos feitas para ter uma vida dupla.

Ele não responde e continuo:

– Pareces-me tão calmo... Uns dias com a tua mulher, outros comigo. Eu não sei. Não sei o que fazer. Passar as quintas-feiras contigo e o resto da semana com o meu marido? Não consigo. Ando há um ano a tentar. Não tenho essa capacidade. Não tenho. Talvez outras mulheres

consigam, mas eu não conheci nenhuma... Acho que é algo masculino.

Endireito-me, fico sentada na cama e pego nas minhas cuecas pretas de renda que estão no chão. As que compro só para ele. Visto-as. Dentro de uma hora, estaremos ambos a jantar com a nossa respetiva família.

– Até quanto? – pergunto-lhe enquanto dirijo o olhar para ele. – Até quando, Pablo?

O Pablo não responde.

Uma lágrima cai pela minha face.

O Pablo atrai-me para ele. Beija a minha lágrima enquanto afunda as mãos lentamente no meu cabelo.

– Para, Gabi. Para. Não quero que te vás embora assim.

Agora afunda as mãos na minha têmpora. Acaricia a pele do meu rosto. Desliza os dedos até à minha boca e acaricia os meus lábios. A pele dos meus lábios. Beija-os com suavidade.

– Até quando, Pablo? Responde-me, por favor.

E o Pablo responde aquilo que já me respondeu noutras ocasiões:

– Até quando tu quiseres.

Beija-me de novo, suavemente. Procura a minha língua. Eu afastou-me uns centímetros. Fita-me. Aproxima a sua boca da minha. Afasto a minha boca. Mas o desejo regressa. Porque o desejo trai sempre o meu corpo. A minha mente. Fizemos amor há menos de vinte minutos. Esvaziou-se em mim, ainda sinto o seu sémen no meu ventre. Mas, ainda assim, o desejo é mais forte. O Pablo sabe disso. E, devagar, brinca outra vez com a minha língua.

– Pablo, para – sussurro sem querer que o faça.

O Pablo obedece. Afasta-se alguns centímetros dos meus olhos. Penetramo-nos com o olhar, e o Pablo sente o meu desejo. Aproxima-se de novo de mim. Dos meus lábios. E fecho os olhos deixando que faça. Que faça o que quer.

Acaricia as minhas magras omoplatas, os meus ombros, e desce lentamente até ao meu peito. Aguarda nele. Desenha círculos entre os meus seios com as pontas dos dedos, completando-os sem pressa à volta dos meus mamilos. Entretém-se com um. Depois com o outro. Mantenho

os olhos fechados, sei que observa os meus mamilos a erguerem-se. Sei que observa a beleza da sua amante. Foram estas as palavras que usou num dos seus escritos para me descrever. Frases em Times New Roman e em itálico no seu computador. Frases desconexas, coladas umas às outras. Palavras soltas. Ideias que se vão moldando e que lemos juntos. Tenho as últimas que escreveu gravadas na minha mente. Umas palavras que diz que um dia publicará: «Adoro observar a minha amante nua. Ver como estremece para mim. Como se contorce. Observar como abre as pernas e me pede que me afunde nela».

Agora o Pablo aproxima a sua boca dos meus mamilos. Lambe com suavidade um, depois outro. Entretém-se com eles. Belisca-os. Subtilmente, o meu corpo arqueia-se. Abrindo-lhe caminho. Sinto as suas mãos deslizarem pelo contorno da minha silhueta. Sobre a minha barriga. Sobre o meu umbigo. Sobre as minhas coxas. Acaricia-me as pernas, as virilhas, estremeço porque é na antecipação que acontece tudo. Sinto que estou húmida. Sinto o mel que emana de mim. O Pablo já sabe, já sente o quão excitada estou. Quer que lho peça e espera até eu o fazer. Espera até que, com um subtil movimento, abra um bocadinho das minhas pernas e o deixe passar. Faço o que ele espera. Abro as pernas e então o Pablo desliza uma mão por baixo das minhas cuecas, acaricia-me o púbis e os seus dedos entram em mim. Entram muito devagar no meu corpo, e mexe-os lentamente para dentro e para fora. O Pablo é sempre generoso com o sexo. Gosta de me ver sentir. Primeiro sou sempre eu e depois ele. Brinca sem pressa com as mãos, enquanto observa como me excito. Os seus dedos entram e saem do meu corpo uma e outra vez. Sinto o prazer derramar-se, lentamente, pelo meu corpo. E continua a brincar, à espera de que eu abra um bocadinho mais as pernas. Abro-as. Deixando-o acariciar esse pedacinho do meu corpo onde se concentra tudo. Todo o prazer. Com o indicador, suave, pressiona-o, e eu gemo silenciosa. Agora pressiona um pouco mais, fazendo círculos sobre ele. Ainda com os olhos fechados, sei que me observa. Sinto que o meu coração acelera. Brinca um minuto. Talvez dois, três. Quando amas perdes a noção do tempo. Brinca com os meus dóceis suspiros. Sinto que falta pouco para chegar

e, então, ele acaricia com força o pedacinho do meu mundo que deseja libertar-se.

– Olha para mim, Gabi.

Conheço os seus jogos.

– Continua, Pablo. Por favor – peço sem abrir os olhos.

– Olha para mim, Gabi – ordena-me com suavidade.

– Por favor, fá-lo já – suplico-lhe baixinho.

– Abre os olhos, Gabriela. Abre-os.

Di-lo autoritário, usando o meu nome completo, esse que só utiliza quando fazemos amor ou quando eu lhe exijo mais. Caso contrário, trata-me por Gabi, esse diminutivo com o qual caminho pela minha vida e que as pessoas que me amam utilizam.

O Pablo ganha sempre as batalhas. Porque controla o meu corpo. O meu sexo. O meu desejo. Mas não quero sair desse limbo tão doce que me faz esquecer o mundo. Então o Pablo, ao ver que não obedeco, detém a sua mão e nega-me o que almejo.

Agora só posso obedecer-lhe. Excitada, a segundos de explodir, abro os olhos e o seu olhar afunda-se em mim. As suas mãos abandonam o meu sexo e afundam-se agora no meu cabelo. Na minha têmpora. Sabe que nesse momento, no grau de prazer em que me encontro, podia pedir-me qualquer coisa, o que ele quisesse, e eu fá-la-ia. Porque há muito tempo que me entreguei a ele.

Beija-me e brinca com a minha língua inundando o meu corpo de sensações, esperando que a minha mente me leve, pouco a pouco, até esse lugar que desejo. Mas sabe que não consigo sozinha, preciso que me acaricie um pouco mais. Só um pouco mais. E mergulho no limbo confundindo o prazer com a ânsia. Quero chegar já, mas o Pablo continua a brincar, continua a fazer-me esperar. Lambe os meus mamilos, belisca-os e suspiro na doce espera.

– Fá-lo já. Por favor – suplico-lhe.

Impaciente, viro o corpo para ele até ficar de lado e entrelaço a minha perna com a sua. O tecido das minhas cuecas toca levemente na sua pele e deslizo a minha mão para o seu sexo, porque eu também conheço o seu corpo. Conheço o corpo do meu amante. O corpo do

Pablo. Conheço-o muito bem. Sinto a ereção e acaricio-a. Ele deixa que eu o faça durante uns segundos, mas depois, com suavidade, pega na minha mão e afasta-a.

– Só tu, Gabi. Mas espera. Não tenhas pressa – diz-me com um fio de voz.

Eu suspiro porque não aguento mais. Ele sabe-o e a sua mão desce de novo lentamente pela minha silhueta. Percorre os meus seios, a minha barriga, as minhas virilhas, o púbis. Por baixo das minhas cuecas e as suas mãos chegam de novo ao meu sexo. Suspiro e penetra-me com os dedos enquanto pressiona onde se concentra todo o prazer. Não consigo evitar um gemido profundo. Volto a suspirar. Estou muito perto, e o Pablo sabe-o. Pressiona com os dedos. Gemo. E, um segundo antes de explodir, para.

– Pablo – peço-lhe abrindo os olhos.

Mas não continua. Acaricia o meu sexo por cima das cuecas.

– Pablo, por favor – suplico-lhe, porque o meu corpo não aguenta. Acho que não aguenta.

– És tão bonita, Gabi... – Afasta-me o cabelo para ver bem todo o meu rosto. – Tão bonita... Não quero perder-te.

As palavras dele comovem-me, porque sei que são sinceras. Ouço-o, amando-o muito mais do que ele julga. O meu corpo pede para se libertar. O prazer invade-me, tal como a dor e a ânsia. E penso, mas não lho digo, falo-lhe com a mente: «Hoje não consigo, Pablo. Não consigo brincar. Fá-lo já. Acaricia-me, por favor, e faz-me chegar ao fim». Porque sou uma mulher com a alma partida. Porque, contra a minha vontade, tenho de deixar de vê-lo, tenho de deixar de desejá-lo. Tenho de acabar com esta vida dupla com a qual não sei lidar.

– Continua – suplico-lhe, aproximando-me da sua boca.

Beija-me enquanto desliza de novo a mão por baixo das minhas cuecas e só me acaricia o pelo do púbis. E eu, com os olhos fechados, ponho a minha mão em cima da dele e acompanho-o outra vez até ao mais profundo de mim. Ele move a sua mão devagar para dentro e para fora, doseando-me o prazer.

– Vais regressar? – pergunta-me com suavidade.

E, inesperadamente, mas não por essa doce tortura que implica a negação do prazer, não, não por isso, mas sim pela ânsia, pelo medo de não voltar, pelo medo de nunca mais voltar a vê-lo, porque não sei ser uma mulher infiel, por esta decisão que só vai contra a minha vontade e que o Pablo não entende, só por isso, inesperadamente, desato a chorar.

Abro os olhos envergonhada, sentindo-me uma criança, e vejo o Pablo desconcertado diante das minhas lágrimas. E abraço-o. Abraço-o com força, porque não lhe quero dizer que não vou voltar. Tremo e estremeço entre o prazer inacabado e a dor da minha alma.

– Gabi, desculpa. Não chores, por favor. Não queria isto... Vou já – diz com uma voz suave, assustada e sincera.

Desliza a mão para o pedacinho do meu sexo onde se concentra o prazer e que o espera. Que lhe pertence. Pressiona com os dedos fazendo círculos com firmeza. E em segundos, por fim, abraçada a este homem a quem tanto desejo e com milhares de lágrimas nos olhos, o meu corpo liberta-se. Liberta-se explodindo nesses dez segundos de prazer eterno, enquanto o Pablo me rodeia a cintura com o braço e, com o poder persuasivo das suas palavras, diz-me ao ouvido: «Amo-te».

✱

Respiro fundo à porta do meu apartamento. Observo os meus olhos no espelho do elevador e quase não se percebe que chorei. Sinto-me frágil, quebrada, exausta. Introduzo a chave na fechadura da porta. Rodo-a. Entro.

Ouçó logo o meu filho a brincar na banheira, a fazer barulhos de motores de barcos a chapinhar na água com a sua lancha *Playmobil*. Tiro o casaco, penduro-o no cabide da entrada. Suspiro. Caminho pelo corredor.

Gostaria de não estar ali nesses momentos porque toda a minha vida me pesa: pesa-me o meu marido, pesa-me o meu filho. Ou sim. Gostaria de estar no meu apartamento, mas sozinha. E de me enfiar nua na cama, por baixo do edredão, e de subir os joelhos até ao peito e rodeá-los com os braços. Encolher-me em mim, enroscada. Sozinha.

O meu filho ouve os meus passos.

– Mamã? – ouço-o dizer, feliz, do outro lado da porta encostada da casa de banho. – A mamã chegou!

Apoio a mão nela. Abro-a.

O Germán, o meu marido, está sentado à beira da banheira com as mangas da camisa arregaçadas e as calças de executivo, a brincar com ele.

– Mamã!

Olha-me sempre feliz. O que é este amor tão imenso que as crianças sentem pelas suas mães? Comove-me tanto... Saio de casa durante umas escassas cinco horas e, quando regresso, este bebezão enorme que saiu da minha barriga há três anos sorri-me e fita-me com um entusiasmo imenso, como se não me tivesse visto durante meses.

– Queres tomar banho comigo?

É algo que fazemos com frequência: metemo-nos na banheira e o meu marido senta-se à beira e, enquanto eu ponho champô no cabelo do nosso filho, o meu marido passa-me a esponja delicadamente pelas costas. Porém, há algum tempo que não o fazemos.

– Hoje não, meu amor.

O meu filho fita-me com uns olhinhos suplicantes.

– Por favor, mamã.

E não sei dizer-lhe que não, porque lhe devo tudo. Até com ele estive distante.

– Bom, está bem. Vou tirar a roupa e venho.

Observo os dois homens da minha vida, que me pedem sempre companhia. Com o seu silêncio, o Germán também me está a pedir que me dispa e que entre na banheira.

– Estás bem? – pergunta-me.

Destilo tristeza. Há meses que destilo tristeza. Vinte anos de casamento, de convivência, como é que não ia perceber? Sabe há algum tempo que não estou bem, apesar de eu lhe dizer o contrário. Sabe que se passa alguma coisa comigo. Seca, fria, distante: esses são os três adjetivos que usa para me descrever nas poucas vezes em que falamos. «Sinto-me sozinho, Gabi», disse-me há uns meses.

Respondo à sua pergunta com a resposta de sempre:

– Sim, Germán, estou bem. Sinto-me um bocadinho cansada, só isso.

– Vá, anda – diz-me carinhoso.

E magoa-me quando é carinhoso, porque não o mereço, e o sentimento de culpa que me invade há meses desarma-me. Às vezes preferia que o meu marido gritasse comigo, que gritasse muito alto. O Germán nunca levanta a voz.

E o Germán já não pergunta mais. Acho que não quer saber mais.

Desconcertada, forçando a normalidade que não sinto, caminho pelo corredor até ao nosso quarto. Entro. Olho-me ao espelho que está pendurado na parede sobre uma pequena escrivaninha. A luz do elevador engana: tenho os olhos um pouco inchados. Tento não pensar no Pablo. Mas não consigo evitá-lo.

– Mamã!

– Já vou, meu amor.

Descalço-me. «Sai da minha cabeça, Pablo. Sai já. Por favor, desapare da minha vida.» Imagino-o a jantar com a mulher e as filhas, tranquilamente, como se não tivesse acontecido nada, e isso magoa-me. «Sai da minha mente. Sai já.»

Desaperto a camisa. Tiro-a. O *soutien*. As calças de ganga. As cuecas pretas de renda que só visto para ele.

– Mamã!

Fecho os olhos. Suspiro. Massajo o peito tentando acalmar-me, embora saiba que não vou conseguir. Tiro uma toalha do armário e envolvo-me nela. Saio para o corredor. Entro na casa de banho.

O meu filho sorri-me. Tiro a toalha ficando nua à frente deles. O Germán observa o meu corpo nu em silêncio. Não me sinto bem quando o faz. Tenho a sensação de que sabe que outro homem o acaricia.

– Vá, mamã, entra.

E caminho até à banheira. Entro e fico de pé. Sinto a água quente nos meus pés e, em vez de me acalmar, fico angustiada. Um pensamento obscuro atravessa a minha mente e o pensamento materializa-se

enquanto ainda sinto o sémen do Pablo no meu ventre. E observo o meu filho a levantar o olhar e a sorrir para mim e a pedir-me que me sente ao seu lado.

Quero fugir. Tenho a mente tão entorpecida que ainda não tinha percebido: tomo sempre banho nas águas-furtadas do Pablo depois de fazermos amor. Sempre. Hoje não tive tempo.

O meu filho estica a sua mãozinha para a minha mão.

Sinto o esperma do Pablo a descer pelo meu sexo.

Quero sair. Fugir. Olho para a porta.

Sinto-me fraca, as minhas pernas falham. Contraio o sexo. Talvez seja apenas o vapor da água que me faz sentir tão fraca. Não quero sentar-me ao pé dele.

– Vá, mamã – diz puxando-me docemente.

E, sentindo-me suja, muito suja, sento-me na água ao lado do meu filho, enquanto o meu marido me acaricia as costas, com ternura.

